

## **EXISTIRÁ UMA VIDA APÓS O DESENVOLVIMENTO?**

Serge Latouche'

### **Resumo**

O autor faz uma crítica importante à ideologia do progresso e do crescimento e abandona a sociologia moderna europeia para propor uma nova utopia des-desenvolvimentista. Para ele, o decrescimento é um slogan provocador para significar a necessidade de uma ruptura com a sociedade do crescimento, ou seja, uma sociedade fagocitada por uma economia que não tem outro objetivo senão o crescimento pelo crescimento. Esclarece que romper com a sociedade do crescimento, de fato, não significa preconizar um outro crescimento, nem mesmo uma outra economia; é sair do crescimento e do desenvolvimento e, logo, da economia, ou seja, do imperialismo da economia, para reencontrar o social e o político.

### **Palavras-chave**

Des-desenvolvimentismo. Crítica à ideologia do progresso.

### **WILL THERE BE LIFE AFTER DEVELOPMENT?**

### **Abstract**

The author makes an important critique to the ideology of progress and growth and abandons the European modern sociology to propose a new utopia dis-developmentism. For him, the decrease is a provocative slogan to signify the need for a break with the growth society, i.e. a society phagocytosed by an economy that has no purpose other than growth for growth. It states that to break with the growth society, in fact, does not mean recommending another increase, even one other economy; it's meaning to leave the growth and development and hence the economy, or the imperialism of economics, to rediscover the social and the political.

### **Keywords**

Disdevelopmentisme. Critique to the ideology of progresso

---

\* Tradução de Maíra Albuquerque.

## Introdução

"O que nos preocupa é a competência e a finalidade. O que nos preocupa é o que nos define, o modo de ação. O que nos preocupa é que o mundo que dá luz à nossa raiva não venha a se parecer com este em que vivemos hoje. (...) O que nos preocupa é que este novo mundo não seja um clone do mundo atual, ou um transgênico ou uma fotocópia deste que hoje nos aterroriza e que repudiamos. O que nos preocupa é que nesse mundo não haja nem democracia, nem justiça, nem liberdade." (MARCOS, 2009).

O decrescimento é um slogan provocador para significar a necessidade de uma ruptura com a sociedade do crescimento, ou seja, uma sociedade fagocitada por uma economia que não tem outro objetivo senão o crescimento pelo crescimento. Para seus adversários e até mesmo certos simpatizantes, esta não seria uma palavra de ordem, pois o que ela evoca é ambíguo (como se não fosse esse o caso de tantas outras palavras fetiches: 'progresso', 'crescimento', 'desenvolvimento' e, sobretudo, 'desenvolvimento durável'...); além disso, é uma palavra negativa, o que é imperdoável em uma sociedade onde é preciso, custe o que custar, "positivar". Em suma, o decrescimento não é sexy! Nada disso é mentira e, assim, sinto-me tentado a dizer que esta é, certamente, a pior das palavras para qualificar o projeto da democracia ecológica e de uma sociedade de abundância frugal, mas após todas as outras. Na realidade, em um sofisma sobre a palavra esconde-se, frequentemente, a resistência - no sentido psicanalítico do termo - ao projeto do decrescimento. Nos meios ecológicos ou da esquerda radical, a incompreensão e a recusa visceral em renunciar ao produtivismo estão na origem desta alergia.

Como slogan, o termo decrescimento é um achado retórico feliz justamente porque sua significação não é totalmente negativa, particularmente na língua francesa. Assim, a seca de um rio devastador é uma boa coisa. Dado que o rio da economia saiu do seu leito, é eminentemente desejável fazê-lo voltar. A tradução literal da palavra decrescimento nas outras línguas latinas não coloca realmente alguma dificuldade: decrescita (italiano),

decrecimiento (espanhol), decreiscent (catalão), décroissance (francês)'. A raiz é a mesma, a denotação é idêntica e as conotações são bastante próximas. Para decrescer é preciso "descrer", e a proximidade do vocabulário da crença e do crescimento se revela. Isso funciona bastante bem e explica, sem dúvida, o sucesso relativo do movimento pelo decrescimento nos países do sul da Europa. Em revanche, sua tradução nas línguas germânicas coloca indubitáveis problemas. A impossibilidade que encontramos de traduzir "decrecimiento" para o inglês é simétrica, de alguma forma, à dificuldade de traduzir crescimento ou desenvolvimento para as línguas africanas (assim como, naturalmente, decrescimento...). Essa impossibilidade revela bastante do imaginário cultural, especialmente do domínio mental do economismo.

Romper com a sociedade do crescimento, de fato, não significa preconizar outro crescimento, nem mesmo outra economia; é sair do crescimento e do desenvolvimento e, logo, da economia, ou seja, do imperialismo da economia, para reencontrar o social e o político.

A questão envolve os dois níveis mais interdependentes que possamos pensar, mas que são tradicionalmente distintos, aquele das palavras ou das representações e aquele das coisas ou das realidades concretas. A ruptura do decrescimento implica então uma descolonização do imaginário e a prática de outro mundo possível.

### **I A ruptura das palavras: descolonizar o imaginário!**

Não discutiremos aqui sobre a crise da economia do desenvolvimento como teoria, nem sobre suas dificuldades como projeto prático para o Sul, nem sobre a extraordinária ressurreição do conceito de desenvolvimentos nos anos 90, ressurreição que testemunha a forte resiliência do imaginário progressista (LATOUCHE, 2004). Doravante, o desenvolvimento durável ou sustentável, como mito, reúne todas as esperanças dos desenvolvimentos com ou sem partícula. Trata-se, na realidade, de um desenvolvimento "economicamente eficaz, ecologicamente sustentável, socialmente

---

1 No México, em razão do hábito dos jornalistas de tratar o recuo do PIB (menos 7% em 2009) como um decrescimento ou "*decrecimiento*", os objetores do crescimento do México forjaram o neologismo "*decrecimiento*" para designar o projeto de uma sociedade de sobriedade escolhida não produtivista.

igualitário, democraticamente pensado, geopoliticamente aceitável, culturalmente diversificado" (AUBERTIN, 2002), em suma: o melro branco. Ainda que seja diferente do desenvolvimento puro e simples do antigo crescimento, o desenvolvimento sustentável também se baseia em um crescimento vigoroso, mesmo que se pretenda ecológico. Como bem colocou o Presidente Sarkozy na universidade de verão dos Jovens Populares em Marselha, aos 3 de setembro de 2006: "O desenvolvimento durável não é o crescimento zero, é o crescimento durável".

Para neutralizar, sem dúvida, o potencial subversivo, tenta-se, com frequência, fazer o decrescimento entrar no nível do desenvolvimento durável, enquanto que o lançamento desse "slogan" foi necessário a fim de sair da impostura desta expressão "armadilha", que encontramos até mesmo no café Lavazza do TGV, anunciado como programa de desenvolvimento durável. Trata-se da "mutação publicitária" de uma economia produtivista já no último suspiro. Nas estações-serviço das autoestradas do Sul, podemos encontrar o urinol Urimat da Sanitec "que contribui para o desenvolvimento durável". Até onde esse slogan publicitário irá se esconder?

A ideia é simples: trata-se, ao mesmo tempo, de um pleonasma ao nível da definição e de um oximoro ao nível do conteúdo. Pleonasma porque o desenvolvimento já é um self-sustaining growth (crescimento durável por si só), para Rostow, o grande ideólogo do conceito. Oximoro porque o desenvolvimento não é nem durável nem sustentável<sup>2</sup>.

Sejamos claros. O problema não diz respeito tanto ao "durável" ou ao "sustentável", mas principalmente ao desenvolvimento. O adjetivo "durável" remete, de certa forma, ao princípio de responsabilidade do filósofo Hans Jonas e ao princípio de precaução alegremente violado pelo desenvolvimento com o nuclear, os OGM, os telefones celulares, os pesticidas (Gaucho, Paraquat'), a diretiva REACH, sem relembrar o caso emblemático do amianto. Desenvolvimento como crescimento, ao contrário, são palavras tóxicas, qualquer que seja o adjetivo que lhes atribuamos'. Essas

---

<sup>2</sup> É interessante notar que um único país, segundo o WWF (relatório de 2006), preenche os critérios do desenvolvimento durável, a saber, um limiar de desenvolvimento humano elevado e uma pegada ecológica sustentável: Cuba! Apesar disso, e contradizendo os dados fornecidos, o relatório Stern apresenta um otimismo de fachada (como, aliás, Nicolas Hulot): "we can be green and grow" (nós podemos ser verdes e continuar a crescer).

\* NT: Gaucho e Paraquat são marcas de pesticidas / inseticidas.

palavras preenchem perfeitamente a missão que Marx atribui à ideologia: mascarar os interesses do capital por trás da ilusão de um interesse geral, paralisando assim a resistência das vítimas. São verdadeiros venenos do pensamento. Para realizar, no imaginário, a impossível quadratura do círculo, o desenvolvimento durável encontrou seu duplo, "o crescimento verde", outro belo oximoro, e seu instrumento privilegiado, os "mecanismos de desenvolvimento próprios", expressão designando tecnologias econômicas em energia ou em carbono, sob o signo da ecoeficiência. Ainda estamos na era da diplomacia verbal. Se a mina das palavras é inesgotável, seu uso não pode substituir indefinidamente o uso dos recursos naturais em via de extinção. As performances inegáveis e desejáveis da técnica não conferem razão à lógica suicida do crescimento e do desenvolvimento. Trata-se, ainda, de trocar o curativo mais que pensar a mudança... Certo, queimamos menos petróleo com os carburadores melhorados e consumimos menos energia para obter a mesma iluminação usando lâmpadas de baixa tensão, mas se os motores funcionam por mais tempo e se acendemos cada vez mais lâmpadas, então não fizemos nada para reparar o problema. No total, não fizemos mais que desacelerar o crescimento do consumo energético e adiar o momento inelutável do crash.

Com a crise econômica, o crescimento verde se tomou, tanto para a direita como para a esquerda, a panacéia, o coração de um *new deal* ecológico, permitindo um *greenwashing* e o progresso de um capitalismo renovado, ético e responsável, dopado com os hormônios do *ecobusiness*.

A luta das classes e os combates políticos desenrolam-se também, então, na arena das palavras. O desenvolvimento como conceito etnocêntrico e etnocidário se impôs por intermédio da sedução, combinada com a violência da colonização e do imperialismo, constituindo uma verdadeira "violação do imaginário", segundo a bela expressão de Aminata Traoré (2002). A batalha das palavras causa raiva, mesmo que se trate apenas de impor nuances semânticas que possam parecer mínimas. Assim, perto do fim dos

---

<sup>3</sup> Mesmo um economista tão convencional quanto Claudio Napoleoni escreveu, ao fim de sua vida: "Nós não podemos mais nos contentar em imaginar um "novo modelo de desenvolvimento". A expressão "novo modelo de desenvolvimento" é desprovida de sentido. Se a questão é encontrar um novo modelo, não será mais um modelo de desenvolvimento [...] Não acredito que possamos resolver simultaneamente o problema de um crescimento mais forte e de uma mudança qualitativa do desenvolvimento" (NAPüLEüNI, 1990).

anos oitenta, o "sustainable development" teria triunfado sobre a expressão mais neutra "ecodesenvolvimento", adotada em 1972 na conferência de Estocolmo, sob pressão do lobby industrial americano e graças à intervenção pessoal de Henry Kissinger. Percebem-se, por trás das querelas das palavras, divergências de ideias, de concepções do mundo e de interesses (não apenas de conhecimento)<sup>4</sup>. O "desenvolvimento durável", cuja invocação assume ares encantados em quase todos os programas políticos, "tem como função, explica Hervé Kempf, manter os lucros e evitar a mudança de hábitos modificando apenas a capacidade"<sup>5</sup>>, Falar de um "outro" desenvolvimento, como de um "outro" crescimento, traduz seja uma grande inocência, seja uma grande duplicidade. Lembremos que em 1972, quando o presidente da comissão europeia Sicco Mansholt, eliminando corajosamente as lições do primeiro relatório do Club de Rome, quis inflectir os políticos de Bruxelas no sentido de uma volta à questão do crescimento, o comissário francês Raymond Barre expressou publicamente sua desaprovação. Acabamos por convir que seria preciso tomar o crescimento mais humano e mais equilibrado. No entanto... sabemos no que ele se transformou. À época, o secretário geral do PCF (Partido comunista francês) denunciava este projeto de retomo do crescimento como sendo o "programa monstruoso" dos dirigentes da CEE. As coisas evoluíram bem, felizmente. "Em 2006, [segundo Bernard Saincy, responsável da CGT<sup>6</sup>,] uma nova etapa foi transposta fazendo do desenvolvimento durável uma verdadeira orientação da CGT sob a expressão "dar um novo conteúdo ao crescimento" (SAINCY; FUPO, 2006). Mais um esforço, camaradas!

Seria preciso realmente distinguir "desenvolvimento" e "crescimento" (em minúsculas) como fenômenos da evolução que afetam uma realidade precisa (a população, a produção de batatas, a quantidade de dejetos, a toxicidade das águas etc.) e que podem ser (ou não ser) eminentemente desejáveis, de Desenvolvimento e Crescimento (com maiúsculas) como conceitos abstratos designando o dinamismo econômico, sendo ele mesmo

---

<sup>4</sup> A órbita *alternativa* não escapa. "Lutei contra a palavra crescimento, que usurpava aquela do desenvolvimento. Assim, luto hoje contra a palavra decrescimento" (LIEPITZ, 2006).

<sup>5</sup> "Mas, acrescenta, são os lucros e os hábitos que nos impedem de mudar as competências» (KEMPF, 2007).

<sup>6</sup> Confederação geral dos trabalhadores, central sindical recentemente próxima do partido comunista.

seu próprio fim. A confusão dos dois não é criação nossa; ela é sabiamente mantida pelo pensamento dominante. Como afirmou Richard Heinberg: "Nós chegamos ao ponto de depender de um sistema econômico baseado na crença segundo a qual o crescimento é normal, necessário e pode durar indefinidamente" (HEINBERG, 2008). Quando, para ser breve, evocamos a necessidade de escapar do desenvolvimento e do crescimento, trata-se, sobretudo, de uma rejeição do imaginário da sociedade do crescimento e da religião do desenvolvimento econômico ilimitado. Esta descolonização do imaginário é o requisito a toda construção de uma via alternativa.

## **II A ruptura das coisas: escapar do delírio produtivista.**

O desenvolvimento durável é frequentemente representado na propaganda dos experts por três círculos separados: o econômico, o social e o ambiental. Tecnicamente, esta representação supõe uma autonomia do econômico que apenas existe na cabeça dos que nela creem. "Os economistas oficiais, [nota Yves Cochet,] repetem à exaustão que o custo da energia no **PIB** é de cerca de 5%, e que desta forma não há porque nos inquietarmos. Ao que nós retorquimos que se subtrairmos esses 5% da economia, os 95 % restantes não existirão mais" (COCHET, 2009). Diferentemente da economia-ficção dos manuais, a economia real não pode ser extraída da dependência da biosfera.

A crise que se anunciou em agosto de 2007 com o estouro da bolha financeira nos Estados Unidos, e que se tornou econômica e mundial a partir de 16 setembro de 2008 com a falência do Banco Lehman Brothers, manifesta de certa forma o fim da sociedade produtivista. Todavia, a reflexão teórica sobre o pós-desenvolvimento que se desenrolou na França de forma quase subterrânea entre 1972 (a grande época de Nicholas Georgescu Roegen, Ivan Illich e André Gorz) e 2002 (o ano do colóquio da UNESCO "Desfazer o desenvolvimento, refazer o mundo" e do lançamento do decrescimento) antecipa muito claramente a crise da sociedade de mercado mundializado e propõe uma saída positiva: a construção de uma sociedade autônoma democrática e ecológica, a sociedade do decrescimento. A crise prevista e denunciada não é apenas financeira, econômica, social e ecológica; ela é também, e mais fundamentalmente, cultural e civilizacional.

A análise da "escola" do pós-desenvolvimento se distingue das análises e das posições de outros críticos contemporâneos da economia mundializada (movimento altermundialista ou movimento da economia solidária) por não situar o coração do problema no neoliberalismo ou no ultraliberalismo, ou naquilo que Karl Polanyi chamava de a economia formal, mas sim dentro da lógica de crescimento percebida como essência da economicidade. Nesse ponto, o projeto dos "partidários" do decrescimento ou dos "objetores do crescimento" é radical. Não se trata de substituir uma boa economia, um bom crescimento ou um bom desenvolvimento por versões ruins dos mesmos, pintando-as de verdes, ou de sociais, ou de igualitárias, com uma dose mais ou menos forte de regulação estatal ou de hibridação pela lógica do dom e da solidariedade, mas de sair da economia. Esta fórmula é geralmente incompreendida, pois é difícil para nós, contemporâneos, tomar consciência de que a economia é uma religião. Quando dizemos que, para falar de forma rigorosa, nós deveríamos falar de "a-crescimento" como falamos de "a-teísmo", é exatamente disso que estamos tratando. Tomar-se ateu do crescimento e da economia significa não possuir evidências inquestionáveis de que seu crescimento ilimitado e de não importa qual forma seja necessariamente uma coisa boa, nem de que a produção de bens materiais é mais importante que a organização política ou o bem-estar familiar. Obviamente, como todas as espécies vivas, o homem deve se metabolizar com seu habitat natural; como toda sociedade humana, uma sociedade do decrescimento deverá organizar a produção de sua vida e, para isto, utilizar razoavelmente os recursos de seu habitat e os consumir em forma de bens materiais e de serviços, mas, um pouco como essas sociedades de abundância da idade da pedra, descritas por Marshall Sahlins, que nunca entraram no econômico (SALHINS, 1976). Ela não o fará dentro da armadura de ferro da raridade, das necessidades, do cálculo econômico e do homo economicus. Essas bases imaginárias da instituição da economia devem ser postas em questão. A frugalidade reencontrada, uma vez os indivíduos liberados da escravidão publicitária criadora de necessidades fictícias, permite reconstruir uma sociedade de abundância sobre a base daquilo que Ivan Illich chamava de a "subsistência moderna". Ou seja, "o modo de vida em uma economia pós-industrial ao seio da qual as pessoas conseguiram reduzir sua dependência em relação ao mercado, e o lograram protegendo - por meios políticos - uma infraestrutura na qual técnicas e

ferramentas servem primeiramente à criar valores de uso não quantificados e não quantificáveis pelos fabricantes profissionais de necessidades" (ILLICH, 1977).

A sociedade do decrescimento, em todo caso, o que ela poderá construir a partir da situação atual (mas também, em caso de calamidade, a partir das ruínas ou dos escombros da sociedade do consumo) não abolirá necessariamente o dinheiro, nem os mercados, nem mesmo o salário. Mas, ao mesmo tempo, ela não será mais uma sociedade dominada pelo dinheiro, uma sociedade do todo-mercado, uma sociedade assalariada. Sem ter suprimido realmente a propriedade privada dos meios de produção e menos ainda o capitalismo, ela será cada vez menos capitalista, pois terá conseguido abolir o espírito do capitalismo e, em particular, a obsessão do crescimento (dos lucros, mas não apenas). Claro, a transição implica regulações e hibridações. Concretamente, será o caso de fixar as regras que enquadram e limitam o desencadeamento da avidez dos agentes (busca do lucro, do 'cada vez mais'): protecionismo ecológico e social, legislação do trabalho, limitação da dimensão das empresas etc.

Sair do imaginário econôrnico implica então em rupturas bem concretas e, em primeiro lugar, na "desmercantilização" desses três mercados fictícios que são o trabalho, a terra e a moeda. Sabemos que Karl Polanyi via na transformação forçada em mercadoria desses três pilares da vida social o momento fundador do mercado autorregulador. Seu retrato do mercado mundializado marcaria o ponto de partida de uma reincorporação/reencaixe do econômico no social. Ao mesmo tempo em que se luta contra o espírito do capitalismo, convém favorecer as empresas mistas onde o espírito do dom e a busca pela justiça temperam a voracidade do mercado; e, nesse ponto, as proposições concretas dos altermundialistas e dos colaboradores da economia solidária podem receber um apoio total dos partidários do decrescimento. Se o rigor teórico (a ética da convicção de Max Weber) exclui os comprometimentos do pensamento, o realismo político (a ética da responsabilidade) supõe compromissos. É assim porque, se o projeto político é revolucionário, o programa de transição eleitoral é necessariamente reformista<sup>7</sup>.

---

<sup>7</sup> Aqui nos unimos ao ponto de vista de Ame Naess: "Reforma ou revolução? Eu vislumbro uma mudança de tamanho e de uma profundidade revolucionária, ao menos de um grande

Este programa político constitui, parece-nos, em um panorama europeu, uma primeira etapa da via revolucionária da utopia concreta de uma sociedade de decrescimento. Muitas proposições "alternativas" que não reivindicam explicitamente o decrescimento podem encontrar plenamente seu lugar, felizmente. O importante é conservar a capacidade de ruptura com a lógica da sociedade de crescimento. Uma vez que se trata de sair do paradigma do homo economicus unidimensional, principal fonte da uniformização planetária e do suicídio das culturas, é importante favorecer e reencontrar a diversidade e o pluralismo. É claro que, no plano dos detalhes, não se pode e nem se deve pensar uma sociedade do decrescimento da mesma forma no Texas e no Chiapas, em Senegal e em Portugal. O decrescimento, menos uma alternativa única que uma matriz de alternativas, reabre a aventura humana à pluralidade de destinos.

É sabido que para a maior parte dos países do Sul o decrescimento da pegada ecológica (mas também do PIB) não é nem necessária nem desejável. Mas não se deve concluir por isso que seja preciso construir uma sociedade do crescimento. O projeto do decrescimento, aliás, paradoxalmente nasceu de alguma forma relacionado ao Sul, e, mais particularmente, à África. O projeto de uma sociedade autônoma e ecônoma emergiu, de fato, sob efeito de uma crítica do desenvolvimento alimentada há mais de quarenta anos por uma pequena "internacional", antidesenvolvimentista ou pós-desenvolvimentista. Esta analisava e denunciava os malfeitos do desenvolvimento (SACHS, 2009) da Argélia de Boumédiène à Tanzânia de Nyerere. E esse desenvolvimento - não apenas capitalista ou ultraliberal, como na Costa do Marfim, mas oficialmente "socialista", "participativo", "endógeno", "self-reliant/autocentrado", "popular e solidário" - era assim frequentemente elaborado ou apoiado por ONGs humanistas. A despeito de quaisquer microrrealizações admiráveis, o fracasso foi massivo e o empreendimento daquilo que deveria culminar no "florescimento de todo homem e de todos os homens" caiu nas sombras da corrupção, da incoerência e dos planos de reajuste estrutural que transformaram a pobreza em miséria.

---

número de pequenos avanços em uma direção radicalmente nova. Isso essencialmente me posiciona ao lado dos reformistas políticos? Dificilmente. *A direção é revolucionária, o caminho é aquele da reforma*" (NAESS, 2008).

Esta crítica desobstruía para o Sul a alternativa histórica, ou seja, a auto-organização de sociedades e economias vernaculares (LATOUCHE, 1998). Decerto, para as sociedades não ocidentais, o pós-desenvolvimento e 'a objeção ao crescimento' (que são fundamentalmente um retomo à causa da ocidentalização) dificilmente podem se colocar sob a bandeira do decrescimento, isto não sendo sequer necessário. O pós-desenvolvimento é, por natureza, plural. Cada sociedade, cada cultura deve fugir, à sua maneira, do totalitarismo produtivista e recriar uma identidade baseada na especificidade de suas raízes e de suas tradições. Todavia, não são essas bandeiras alternativas possíveis que provocam falhas. O objetivo da boa vida se declina de múltiplas formas segundo os contextos. Em outros termos, trata-se de reconstruir/reencontrar novas culturas. Se é absolutamente necessário lhe dar um nome, este objetivo pode se chamar o umran (florescimento) como em Ibn Kaldün, swadeshi-sarvodaya (melhora das condições sociais de todos) como em Gandhi, bantaare (estar bem em grupo) como entre os Toucouleurs, ou Fidnaa/Gabbina ("brilho de urna pessoa bem nutrida e livre de toda preocupação") como entre os Borana da Etiópia, ou simplesmente Sumak Kausai (viver bem) como entre os Quéchua do Equador (DAHL; MEGERSSA, 1997). O importante é significar a ruptura com a destruição que se perpetua sob a bandeira do desenvolvimento ou, hoje, da mundialização. Essas criações originais onde se pode encontrar aqui e lá centelhas de realização abrem o caminho à esperança.

A saída do crescimento como projeto de reconquista da autonomia concerne então às sociedades do Sul à medida que elas se engajam na construção de economias do crescimento afim de evitar de se afundarem mais adiante no impasse à qual esta aventura as condena. Nós pensamos que as sociedades do Sul possam, se ainda for tempo, se "desenvelpear", ou seja, livrarem-se dos obstáculos em seu caminho para que se realizem de outra forma. A princípio, é claro que o decrescimento no Norte é uma condição do amadurecimento de toda forma de alternativa ao Sul. Enquanto a Etiópia e a Somália estiverem condenadas, em sua penúria, a exportar alimentos para nossos animais domésticos, enquanto nós engordarmos nosso gado de corte com os óleos de soja obtidos das queimadas da floresta amazônica, estaremos asfixiando toda tentativa de verdadeira autonomia para o Sul<sup>8</sup>.

---

<sup>8</sup> Sem contar que essas "mudanças" planetárias contribuem a desregular um pouco mais o

A longa tradição revolucionária da América latina, de Simon Bolívar a Ernesto Che Guevara, pode facilitar a transição à condição de compactuar mais com a visão das comunidades autônomas de Emiliano Zapata do que com o produtivismo de Luiz Inácio Lula da Silva ou a negação da diversidade cultural de José Maria Mora, um dos principais líderes liberais da época da Independência do México, que declarava em 1824: "Que apaguemos a palavra Índio da língua oficial e que seja declarada oficialmente a inexistência dos Índios" (BASCHET, 2005).

**X**  
**XX**

A alternativa ao desenvolvimento, no Sul e no Norte, não poderia ser um impossível retrospecto, nem a imposição de um modelo uniforme de "a-crescimento". Para os excluídos, para os naufragos do desenvolvimento, a única solução é uma espécie de síntese entre a tradição perdida e a modernidade inacessível. Fórmula paradoxal que resume bem o duplo desafio. Podemos apostar toda a riqueza da invenção social para desobrigá-la, uma vez a criatividade e a engenhosidade liberadas da sujeição economista e desenvolvimentista. Não há dúvidas que a implementação da ruptura no Sul se depara com numerosos obstáculos. 'Se tu pensas em um leão, sobe em uma árvore', diz um provérbio bantu. Se, ao Norte, aquele que enfrenta um tal projeto político arrisca-se a ser assassinado, ao Sul, o simples fato de pensar no assunto pode lhe conferir a mesma sorte de Patrice Lumumba, Thomas Sankara ou Salvador Allende. É obrigação dos ocidentais, ao engajar-se resolutamente na via de uma sociedade do decrescimento, demonstrar que o modelo é viável e, logo, exemplar. É apenas assim que poderemos melhor convencer os chineses, assim como os indianos e os brasileiros, a mudar de direção, oferecendo-lhes os meios necessários e, assim, salvando a humanidade de um destino funesto.

---

clima, que essas culturas especulativas de latifundiários privam os pobres do Brasil de feijão e que, além de tudo, arriscamos sofrer catástrofes biogenéticas do gênero "vacas loucas"...

## **Bibliografia**

- AMINATA, Traoré. 2002. *Le viol de l'imaginaire*. Paris: Actes Sud/Fayard.
- AUBERTIN, Catherine. 2002. Johannesburg ou le retour au réalisme commercial. *Ecologie et politique*, La Ferté St. Aubin, n° 26.
- BASCHET, J. 2005. *La rébellion zapatiste*. Paris: Flammarion/Champs. p. 212.
- COCHET, Yves. 2009. *Anti-manuel d'écologie*. Paris: Bréal. p. 250.
- DAHL, Gudrun; MEGERSSA, Gemtchu. 1997. The spiral of the Ram's Horn: Boran concepts of development. In: RAHNEMA, Majid; BAWTREE, Victoria. *The post-development reader*. Zbooks, p. 52 e ss.
- HEINBERG, Richard. 2008. *Pétrole, la fête est finie!* Avenir des sociétés industrielles après le pie pétrolier. Paris: Demi-Lune. p. 240. (Coleção Résistances).
- ILLICH, Ivan. 1977. *Le chômage créateur*. Paris: Le Seuil. p. 87-88.
- KEMPF, Hervé. 2007. *Comment les riches détruisent la planète*. Paris: Le Seuil.
- LATOUCHE, Serge. 1998. *L'autre Afrique*. Entre don et marché. Paris: Albin Michel.
- \_\_\_\_\_. 2004. *Survivre au développement: De la décolonisation de l'imaginaire économique à la construction d'une société alternative*. Paris: Mille et Une Nuits.
- LIEPITZ, Alain. 2006. Comment l'Union Européenne se préoccupe de l'environnement?: entrevista. *Cosmopolitiques: Peut-on faire l'économie de l'environnement?*, Paris, n. 13. p. 176.
- MARCOS, Subcomandante. 2009. *Saisons de la digne rage*. Apresentação de Jérôme Baschet. Paris: Climat. p. 242-244.
- NAESS, Arne. 2008. *Écologie, communauté et style de vie*. Paris: Éditions ME p. 231.
- NAPOLEONI, Claudio. 1990. *Cercare ancora*. Lettera sulla laicità e ultimi scritti. Roma: Editori Riuniti. p. 92.

Serge Latouche

SACHS, Wolfgang. 1992. *The development dictionary*. Londres: Zed Books.

SAINCY, Bernard; FUPO, Fabrice. 2006. CGT et Amis de la Terre: quels compromis possibles?: entrevista. *Cosmopolitiques: Peut-on faire l'economie de l'environnement?*, Paris, n. 13, p. 176.

SALHINS, Marshall. 1976. *Âge de pierre, âge d'abondance*. L'economie des sociétés primitives. Paris: Gallimard.